



POEMAS DE ALBERTO PUCHEU

Alberto Pucheu*

* Nascido em 1966, Alberto Pucheu é poeta, ensaísta e professor de Teoria Literária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
www.albertopucheu.com.br

1. PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida; Poesia Reunida 1993-2007*, p.24.

EM MAR ABERTO, Nº 1¹

um leitor de distâncias
 a respiração azul
 do mar
 o vento na superfície
 é pouco
 mas as linhas brancas das ondas
 arrastam, da areia,
 seu nome, seu sobrenome,
 para outras paragens,
 difíceis, mas possíveis
 de navegar:
 onde tudo é fundo,
 soletrando corrente
 em deriva,
 sem faltar nem mesmo
 sulcos
 da margem
 na amplidão

GENEALOGIA²

No princípio eram as letras
 Desarrumadas Quando nem alfabeto
 havia De sentido
 apenas a própria matéria
 lettral Os arranjos faziam-se
 Por entre xsc vhal deim
 deu no que deu: num verbo
 Depois noutro e noutros A partir daí
 tudo ficou mais fácil
 As letras aprenderam a movimentar-se
 De seus encontros nasceram
 coisas como mar dobradiçasdo-
 asfalto homens sol
 roldanas-do-engano chaves-de-fenda
 (estas últimas serviam
 pra desmontar os encaixes
 – com elas é que se descobriu
 que dentro de todas as coisas
 são letras que existem) Tempo virá
 em que os arranjos voltarão a lembrar
 estas sintaxes E traçarão outras
 Estrangeiras
 Começando sempre por onde nunca
 se sabe

2. PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida; Poesia Reunida 1993-2007*, p.33.

3. PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida; Poesia Reunida 1993-2007*, p.53.

A FRONTEIRA DESGUARNECIDA³

Pela primeira vez, uma perna quer sair por minha boca, espremida. Um braço quer sair por minha boca. E o que ainda há de genitália, e o que ainda há de intestino, e o que ainda... Quer sair por minha boca. Uma parede, uma hélice, um vidro de janela querem sair por minha boca. Um carro acelerado, um pedaço de mar, um fuzil. Sob o testemunho pânico de alguns, uma desordem no corpo e nas coisas, uma fronteira desguarnecida entre a pessoa e a cidade.

EMILY DICKINSON⁴

Colocar a pergunta certa – o mais difícil. Os poetas, por exemplo, perguntando as opiniões de outros – são bons, os meus poemas?... Custa-se muito a colocar a pergunta certa. Porque nunca a escutamos antes de sua criação. Às vezes, entretanto, ela é colocada, deixando-nos percebê-la: Emily Dickinson indaga: *Are you too deeply occupied to say if my Verse is alive?* Na exclamação que a antecede, a grandeza da pergunta – de quem está muito mais próxima da resposta do que a pessoa a quem a pergunta se endereça: o estar vivo como régua, desmesurada, para medir o verso. Na pergunta, Emily manifesta a experiência que conduz o fazer de sua poesia: vida – o único parâmetro para avaliar o poético.

4. PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida; Poesia Reunida 1993-2007*, p.208.